



As aventuras de Luci e seus amiguinhos

a floresta encantada

Jalcy Dias





As aventuras de Luci e seus amiguinhos

a floresta encantada

Jalcy Dias

As aventuras de Luci e seus amiguinhos

a floresta encantada



Projeto Passo Fundo

Passo Fundo

2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 24/10/2016

Capa e Ilustração: Everton Dias

D541a Dias, Jalcy

As aventuras de Luci e seus amiguinhos : a floresta encantada
[recurso eletrônico]/ Jalcy Dias. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2016.

1,12 MB ; PDF

ISBN 978-85-8326-254-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>

1. Literatura brasileira. 2. Literatura infantil. I. Título.

CDU: 869.0(81)-93

Primeira parte:

O vilarejo, e o segredo da floresta encantada.

Em um vilarejo muito distante onde parece ser o fim do mundo com poucos habitantes, mas muito ordeira, todos se conhecem e convivem como uma família que se ama muito. Nesse vilarejo mora Luci, uma menina conhecida por todos. Por sua sagacidade, inteligência, beleza, bondade e como toda a criança ela é curiosa gosta de saber sobre tudo o que se passa ou já passou no vilarejo. Vive a perguntar o porquê de não muito longe dali ter uma floresta tão linda, por que estão proibidos de irem até lá e todos obedeciam.

Diziam os mais velhos do vilarejo que era uma floresta encantada com árvores enorme e algumas davam frutas muito saborosas, os animais falavam com os que ali adentravam, que tinha belas cachoeiras, muitas flores e um rio enorme. Todos desfrutavam da beleza e dos benefícios que a floresta encantada oferecia, mas por quê?

Luci se perguntava porque não ir lá. Queria saber mais e insistia tanto, que seu Tite um velho senhor do vilarejo acabou contando o que estavam proibidos de contar. Que há muitos anos uma bruxa chamada Margô, amaldiçoou a floresta, pois havia se apaixonado por um rapaz muito belo e jovem de coração bondoso que a todos agradava, lhe queriam bem.

Luke, era o nome dele. Desprezava a bruxa Margô, sabia que era má e por que seu coração pertencia à outra uma linda fada que vivia na floresta, a fada Maribel, quando os dois se encontravam era só alegria e brincadeiras, pareciam duas crianças esquecidos da vida de adultos. Ela chamava por ele:

— Luke vamos passear!

Luke ia feliz ao seu encontro, ela o tocava com sua vara mágica e saiam os dois voando pela floresta. Luke a desafiava a ir na mais alta árvore, o que chegasse primeiro ganharia um prêmio. Maribel sempre o deixava ganhar, sabia que seu prêmio seria aquele abraço apertado afetuoso que tanto lhe fazia bem. Margô sentia inveja, e uma cruel vingança foi aos poucos se enraizando em seu coração.





Ela esbravejava e rogava pragas, mas nada surtia o efeito que ela desejava e cheia de ódio decidiu que usaria do seu poder de fazer bruxaria para assim se livrar da fada Maribel.

Margô não era aquela bruxa de nariz enorme, com jeito de caveira, chapéu grande, roupa preta e uma vassoura. Ela era linda e deixava sua vassoura apenas para seus passeios noturnos pela floresta encantada, mas o coração era autêntico de bruxa má e assim revelou toda sua crueldade ao lançar seu poderoso feitiço contra Luke e Maribel. Todas as tardes Luke e Maribel saíam para passear e a bruxa má sabia aonde iam, pois estava sempre a rondar seus passos e se tornaram uma presa fácil para a vingança da cruel e má bruxa Margô.

Assim que os viu de mãos dadas voando pela floresta encantada apontou pra fada Maribel a vara mágica e com palavras a encantou, mas algo deu errado e Luke desapareceu, o que a deixou furiosa e fez com que ela amaldiçoa-se a floresta encantada o que você vê Luci disse o velho Tite é apenas as árvores que fecham a floresta as que estão dentro dela desapareceu, tudo ficou limpo sem animais sem flores sem cachoeiras apenas o rio permaneceu lá.

Hoje, não se vê peixes, não há vida nessa floresta, até a bruxa Margô desapareceu. Dizem que a floresta encantada ficou mal assombrada que as árvores que a cercam caminham e matam quem entra na floresta encantada.

— Luci melhor esquecer, sua curiosidade foi satisfeita, contei o segredo e não conte para ninguém. A bruxa má pode não gostar, aparecer para nós, acabar com nossa paz e nosso vilarejo pode desaparecer assim como a floresta encantada desapareceu!

Luci respondeu:

— Tá bem vovô Tite. Prometo não ir e não contar o segredo.

Vovô Tite olhou pra ela e balançou a cabeça com um sim e riu, pois sabia que ela faria o contrário já a conhecia bem para saber que quando ela o chamava vovô é por que queria a sua cumplicidade para alguma travessura que com certeza iria aprontar.



Segunda parte:

Luci e seus amiguinhos.

Luci saiu cantarolando. A mente dela fervilhava em pensamentos de como faria para livrar a floresta encantada, Luke e Maribel da maldição da bruxa má. No caminho de casa encontrou seus amiguinhos Béia e Lelêm que a convidaram para brincar:

— Luci quer brincar de faz de conta?

Luci respondeu:

— Não, já cansei dessa brincadeira.

Béia perguntou:

— Mas do que vamos brincar?

Lelêm falou:

— Eu já sei vamos brincar...mas Luci o interrompeu e respondeu:

— Vamos brincar de adivinhar. Temos que ir à floresta encantada.

Béia e Lelêm ficaram pensativo por alguns segundos olhando para Luci, depois de um tempo acabam com o silêncio e os dois falam no mesmo instante:

— Não podemos ir à floresta encantada, você sabe é proibido.

Luci insistiu:

— Eu sei, mas é muito importante que nós vá lá para ajudar os nossos amigos Luke e Maribel, eles foram encantados pela bruxa Margô.

Béia e Lelêm ficaram surpresos com o que ouviram e perguntam a Luci:



— Como você sabe de tudo isso? Quem disse não sabe de nada, e tem mais, lá não tem nada, estamos proibidos de ir à floresta encantada. Nós não vamos!

Cruzaram os braços e bateram o pés.

— Se quer ir vá sozinha.

Mas Luci tinha o poder de a todos persuadir com seu jeitinho especial de ser, que seus amiguinhos acabaram por dizer sim. Lelêm disse às meninas que já estava tarde que deveriam deixar para ir outro dia e combinaram que iriam no dia seguinte.

Disse Béia a Lelêm:

— Vamos para minha casa brincar e depois do jantar vamos ver o que faremos amanhã para ir sem que nos vejam sair falou Luci.

Béia e Lelêm concordaram.

— Mas estamos com medo Luci não sabemos o que vamos encontrar na floresta encantada!

Luci os tranquilizou:

— Ninguém vai ver ou ficar sabendo que estivemos lá, a não ser que um de nós conte, eu não contarei e vocês?

Béia e Lelêm responderam:

— Nós não vamos contar afinal amigos têm segredos.

E riram ...

— Luci nossa querida amiga esse é mais um segredo que guardaremos.

Os três amigos combinaram de sair cedo, logo após o café da manhã. Se despediram e se prepararam para o grande dia de aventura ...



Terceira parte:

O sonho de Luci.

O sono da Luci foi povoado por pesadelos tal era a ansiedade. Sonhou estar num barco, navegando em um rio de grande correnteza, que aves gigantes voavam em volta do barco e a mantinham suspensa com suas enormes garras. Levavam para cima e a soltavam na água e não conseguia, ela não conseguiu respirar, mas as aves a puxavam para cima como se estivessem brincando até que cansaram e a soltaram dentro do barco.

Luci fechou os olhos sentiu-se aliviada enfim poderia respirar um pouco sem sentir aquela sensação de que estava prestes a se afogar, mas um barulho estrondoso na água a fez abrir os olhos e ao mesmo tempo arregala-los. Lá estava um peixe tão grande, mas tão grande que ela não conseguia ver o outro lado do rio. Ficou paralisada, com medo daquele peixe monstro, ele fez um movimento inundando o barco de água. O peixe abriu sua imensa boca e deixou a mostra seus dentes serrilhados e muito afiados.

Eram finos e pontiagudos, o que fez com que Luci saísse daquele estado de inércia ou paralisia emocional tanto faz, ela estava com muito medo, pensou em sair do barco e devagar se mexeu um pouco. Graças seus membros estavam obedecendo ao comando da sua mente, ficou em pé pronta para pular na água, foi quando o peixe chegou junto ao barco e sem cerimônia abriu a boca e investiu pronto para devorá-la. Seu grito foi sufocado, sua cabeça inteira estava dentro da boca do peixe, desesperada se debatia para se livrar e na luta com o peixe ela acordou gritando bem baixinho por socorro. Ufa, que alívio! Gritou bem alto:

— Não tem rio não, estou num barco, estou na minha cama, sem aves, sem peixes, viva acordei. Estou viva!

E correu até a janela. Estava um lindo, dia o sol brilhava lá fora. Levantou os braços, esticou bem alto e saudou aquele lindo dia.





Quarta parte:

O encontro das crianças.

Luci vai ao encontro de Béia e Lelêm que a esperavam na estrada que leva a floresta encantada. As crianças estavam eufóricas, um pouco receosas, não sabiam o que iriam encontrar, mas estavam felizes, sabiam que iam praticar uma boa ação.

— Luci como faremos para descobrir o que aconteceu com Luke e Maribel? É tão complicado esse negócio que chamam de magia que nada sabemos não somos bruxos. Então como será isso de encantamento, de fazer desaparecer as pessoas e coisas?

— Você por acaso entende de bruxaria Lelêm?

Perguntou para Béia.

— Eu não!

— Mas na hora a gente inventa umas palavras mágicas o que acham dessa ideia?

— Pode funcionar e até podemos virar bruxos de verdade!

Luci e Béia riram muito.

— Tinha que ser você, o Lelêm das piadinhas.

— Sim porque virarmos bruxo não sei como!

— Vamos pensar no que somos agora, somos apenas crianças!

Disse Lelêm, e pediu a elas que fossem na frente, pois estava apertado queria fazer xixi, mas o que ele queria era pregar um belo susto nas meninas sem que elas o vissem. Se fantasiou de bruxo e foi esperar por elas na entrada da floresta encantada. As meninas chamaram por ele:







— Lelêm já chegamos, cadê você, depressa ou vamos entrar na floresta sem você!

Chamavam e nada, decidiram entrar na floresta encantada sem ele. Deram alguns passos e de repente pararam...

— O que é aquilo?

Luci perguntou. Béia a menina respondeu:

— não sei, mas parece ser um bruxo, vamos chegar mais perto Béia. Eu não tenho medo e você?

Béia parou e respondeu:

— Você não, mas eu sim, eu vou embora, vamos pra casa.

Lelêm vendo que as meninas estavam com medo, que iriam embora, gritou para elas com sua voz modificada para que não o reconhecesse:

— Eu vou transformar vocês em porquinhas por terem invadido meu local sagrado permitido apenas para os bruxos!

Ergueu a varinha na direção a elas e disse umas palavras de bruxaria, as meninas correram e chamaram por ele:

— Lelêm cadê você?

Ouviram uma risada bem conhecida, era Lelêm rolando no chão de tanto rir, elas não sabiam se choravam se riam. Xingaram Lelêm:

— Seu bobo, não passa de um moleque mal criado, merecia uns tapas, não faz mais assim, senão vamos te dar uma surra, seu palhaço!

— Ei! Chega meninas, prometo não as assustar mais!

E entraram na floresta encantada.



Última parte:

A salvação.

Luci, Béia e Lelêm olharam em volta e ficam espantados, não tinha nada a não ser um rio e um grande campo verde.

— E agora o que faremos?

Perguntou Béia. Luci respondeu:

— Não sei, tem alguma ideia?

Olhou para Lelêm e disse:

— Temos que pensar os três em como libertar Luke e Maribel e voltarmos a salvo para casa, mas confesso que não sei como.

Naquele instante pousou no ombro dá Luci uma linda cigarra e falou:

— Crianças eu sei, como!

Os três admirados disseram ao mesmo tempo a cigarra:

— Fala logo! Como faremos?

A cigarra com sua vozinha estridente que mais parecia ser de um ventríloquo, respondeu:

— Em um barco navegaram, grandes tempestades enfrentaram, chamaram pelo velho, os novo os salvaram e dona cigarra falante desapareceu... Luci, Béia e Lelêm ficaram pensando em como encontrar o barco que dona cigarra falante falou, saíram à procura e encontram nas margens do rio, amarrado em um tronco seco de árvore. Empurraram o barco até o rio, o que não foi fácil, eram pequenos e lhes faltava força, mas conseguiram e comemoraram:

— Até que enfim! E agora como achar o velho e o novo?







Se perguntaram...

— Ah! Vamos navegar, depois o procuramos. Entram no barco e começam a remar!

E foram se afastando cada vez mais da margem do rio. Luci estava atenta a tudo, viu um movimento estranho na água e disse para Béia e Lelêm:

— Olha, a água está se mexendo muito, tem alguma coisa ali! São peixes, e são muitos!

Lelêm gritou:

— Quantas aves não dá para ver o céu olha Luci e Béia, eles estão vindo em nossa direção. Luci ao ver os peixes na água e as aves voando sentiu medo, lembrou-se do sonho que tivera.

— Béia, Lelêm, chega, vamos voltar para casa é melhor!

Mas já era tarde demais, num piscar de olhos os peixes e as aves tinham crescido. Ficaram enormes e assustadores. O rio de águas calmas mudou para uma correnteza que o fazia ficar inavegável, e agora estavam em perigo naquele barco que poderia virar e afundar a qualquer momento. As aves e os peixes faziam um barulho ensurdecedor, as crianças estavam quietas com medo e para piorar começou a chover e do céu vieram fortes trovões, relâmpagos e o dia foi virando noite.

Luci, Béia e Lelêm se abraçaram e começaram a chorar. O choro aumentou e não se deram conta de que o choro virou gritos de desespero. Lelêm pensou: Sou criança, mas sou um menino tenho que me portar como homem, dar coragem e acalmar as meninas, mas como eu estou morrendo de medo o que eu preciso fazer para sairmos dessa enrascada que nos metemos?

Lelêm ficou em silêncio olhando para o nada, pois o nada era o que via, apenas escuridão, sentia a chuva lhe molhando. De repente ele dá um grito de alegria:

— Já sei o que fazer meninas, parem de chorar! Vamos conversar!

Diz Lelêm.

— O que vamos fazer?

Ele responde:



— Lembra-se da dona cigarra falante?

— Sim!

Disse as meninas.

— Então pensa Luci e Béia, ela falou que iríamos enfrentar tempestade e teríamos algumas surpresas, mas era para nós chamar o velho que o novo nos salvaria, mas não disse o nome do velho como vamos saber?

Um vento muito forte quase fez o barco virar o que fez Luci entrar em pânico e gritar sem parar pedindo socorro e ajuda ao vovô Tite, que sempre a tirava dos apuros e encrencas que se metia. Chamou alto a plenos pulmões:

— Vem me ajudar, cadê você vovô Tite!

Naquele momento o céu clareou e viram muito longe nas margens do rio um rapaz muito bonito de olhar sereno que chamou por ela:

— Estou aqui Luci, não tenham medo agora, tudo acabou, vocês me salvaram e eu a vocês!

E como um milagre parou de chover as aves e os peixes voltaram ao tamanho normal, a noite virou dia e o rio com suas águas calmas. Luci Béia e Lelêm perguntaram:

— Quem é você nós chamamos o velho vovô Tite e aparece você? Quem é você?

— Crianças eu sou Luke e convivi com vocês todos esses anos como vovô Tite. Foi a maldição da bruxa má, Marilu, que me fez velho e a cigarra falante é minha amada Maribel, vocês quebraram o encanto. Só três crianças de coração bom poderia quebrar o encanto!

— Olhem em volta crianças!

Luci Béia e Lelêm viram a floresta encantada majestosa em todo seu esplendor, as árvores, os animais, suas flores, as cachoeiras, tudo tão lindo. A vida retornou deixando tudo mais belo na floresta encantada com o cantar dos pássaros em suas revoadas.

— Cadê a fada Maribel?

Perguntaram as crianças a Luke.







— Temos que sair do rio, assim quebraremos com a maldição da bruxa Marilu!

Remaram até alcançar as margens do rio e desembarcam, mas não conseguiram caminhar, seus pés estavam presos, pareciam estar colado no chão:

— E agora o que faremos?

Luke disse Luci, mas é Lelêm que responde:

— Eu sei, vamos chamar não por vovô Tite.

E riu...

— Esse sabemos que é Luke, vamos chamar pela fada Maribel tem que dar certo!

E os três chamaram a fada Maribel:

— Vem nos salvar, por favor, precisamos da sua ajuda!

E a dona cigarra falante pousou ali na frente deles e aos poucos foi se transformando na bela fada Maribel.

Luke correu para os braços da amada e chamou as crianças:

— Venham, queremos abraçá-los, graças a vocês, eu e Maribel estamos juntos outra vez e a bruxa má, Marilu, nunca mais fará mal a ninguém.

— Terminou suas bruxarias seu poder de encantar, pois ao encantar uma fada, seu poder acabou por que o bem sempre vence o mal!

Deram uma viva a felicidade e a vida, Luci, Béia e Lelêm perguntam:

— O que aconteceu depois papai, queremos saber?

O pai de Luci diz:

— Calminha crianças, eles foram felizes para sempre, e tá na hora de dormir, vão para a cama os três.

As crianças insistem:

— Mas queremos saber, conta senhor Tite!

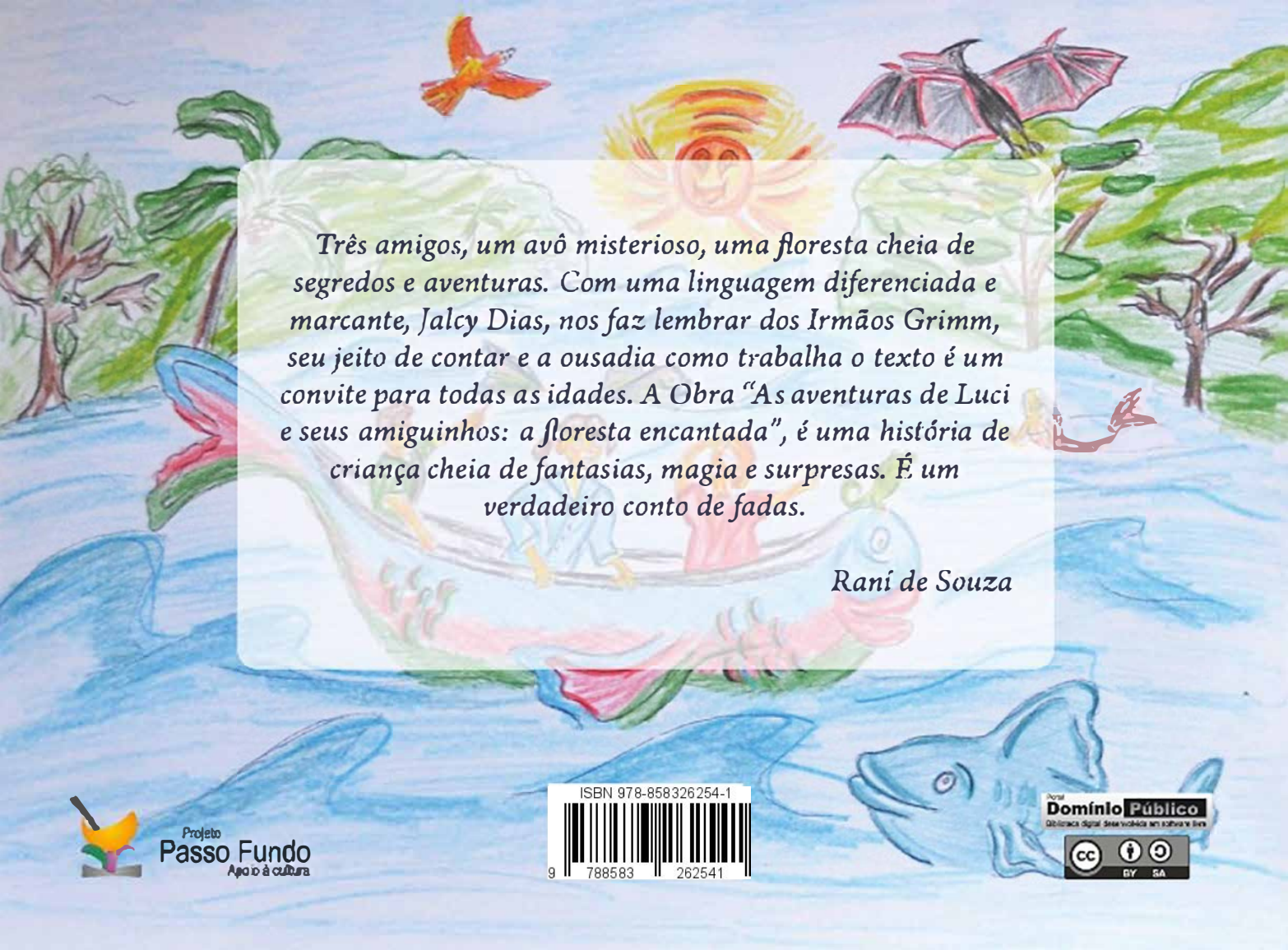
Ele responde:

— Já contei e quem souber que conte outra vez!





Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Três amigos, um avô misterioso, uma floresta cheia de segredos e aventuras. Com uma linguagem diferenciada e marcante, Jalcy Dias, nos faz lembrar dos Irmãos Grimm, seu jeito de contar e a ousadia como trabalha o texto é um convite para todas as idades. A Obra “As aventuras de Luci e seus amiguinhos: a floresta encantada”, é uma história de criança cheia de fantasias, magia e surpresas. É um verdadeiro conto de fadas.

Rani de Souza



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

ISBN 978-858326254-1



9 788583 262541

Brasil
Domínio Público
Obras de domínio público em domínio público

